

## TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO, DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL AOS NOSSOS DIAS

Elisângela Magela Oliveira  
Graduanda do curso de História - UFU/bolsista PIBIC/CNPq  
e-mail: [elisangela@mail.com](mailto:elisangela@mail.com)

### RESUMO

*Este artigo analisa as transformações ocorridas no processo de produção desde a Revolução Industrial aos nossos dias e suas conseqüências nas relações de trabalho. O pensamento de E.P.Thompson, Karl Marx e o Eric Hobsbawm é usado como base e em oposição a alguns economistas clássicos, como John Stuart Mill, Ricardo e Adam Smith.*

**Palavras-chave:** Trabalho, Relações Sociais, Processo de Produção.

## WORLD OF WORK TRANSFORMATIONS, FROM INDUSTRIAL REVOLUTION TO OUR DAYS

### ABSTRACT

*This article analyzes the occurred transformations in the process of production, leaving of the Industrial Revolution to our days and its subsequent consequences on the work relations. The thought of E.P.Thompson, Karl Marx and Eric Hobsbawm is used as base and in opposition to some classic economists, as John Stuart Mill, Ricardo and Adam Smith.*

**Keywords:** Work, Social Relations, Process of Production.

A Europa da segunda metade do século XVIII foi marcada por profundas mudanças econômicas e sociais. Ideais liberais na França e transformações técnicas e econômicas na Grã-Bretanha deram a “sensação” de ruptura com o passado. Para o historiador Eric Hobsbawm, a década de 1780 trouxe mudanças tão significativas na

economia inglesa a ponto de ser considerada início do século XIX. A idéia do novo, do progresso, se disseminava pela Europa, que buscava pôr em prática novas invenções que se adequassem ao ritmo do cotidiano alucinante imposto pela nova ordem do trabalho. O tempo tornou-se ainda mais valioso para aqueles que almejavam ganhar dinheiro, de modo que cada minuto deveria ser minuciosamente

aproveitado.

Nas fábricas, os trabalhadores foram obrigados a seguir o ritmo da máquina a vapor, a qual forneceu um grande impulso ao setor têxtil. Criada em 1711 por Thomas Newcomen e aperfeiçoada em 1760 por James Watt, ela possibilitou a instalação dos moinhos em outras localidades, distantes das margens dos rios, o que não era possível antes, já que dependiam de energia hidráulica em seu funcionamento. Somado a isso, a energia a vapor também foi fundamental para o desenvolvimento dos transportes utilizados como condutores de mercadorias de um local a outro. A luz do dia já não marcava mais os limites da jornada de trabalho e nas cidades, a iluminação a gás colocou sob controle do homem a duração do dia e da noite. Num ritmo diferente do da indústria têxtil, os progressos na produção de carvão, ferro e aço foram também muito importantes para a indústria britânica.

Mecanização da produção, surgimento das primeiras máquinas, energia do carvão e do ferro, revolução na agricultura - adubação, novos tipos de plantação em oposição ao sistema rotativo de cultivo, utilizado desde a Idade Média, em que se interrompia a

cultura em uma parte da terra durante algum tempo para a **recuperação do solo**, formação da força de trabalho, são algumas das principais características impostas pelas transformações técnicas e econômicas ocorridas no final do século XVIII na Inglaterra, as quais foram denominadas Revolução Industrial. Tais transformações não se deram, contudo, da mesma forma em toda a Inglaterra, e menos ainda em toda a Europa. Cada país e até mesmo cada estado teve experiências e características específicas.

Entretanto, por que estas transformações se deram primeiramente na Inglaterra? Podemos dizer que, entre outros, um fator principal contribuiu decisivamente para isso: A expansão do comércio com as colônias e com o continente possibilitou aos ingleses acumular capitais necessários à aceleração de sua produção interna e custear aperfeiçoamentos tecnológicos. A passagem do sistema de produção artesanal para o sistema fabril, por sua vez, foi marcada por inovações técnicas nas quais a mecanização do trabalho teve início no ramo da produção têxtil. A tradicional lã foi dando lugar às fibras de algodão e com a invenção do tear mecânico (1787), o setor têxtil pôde dar

seu grande salto. Contudo, a automação do trabalho diminuiu o emprego de mão-de-obra, o que não significou, porém, que o processo de mecanização da indústria se dava sem a presença da força humana.

Na agricultura, entre 1760 e 1820, os cercamentos iniciados no século XVI foram intensificados, os direitos ao uso da terra comunal foram perdidos e o povo foi submetido à exploração do trabalho e à opressão, tornando as relações entre patrões e empregados mais duras e menos pessoais. A Revolução Industrial trouxe a intensidade da exploração da mão-de-obra, o tempo começou a ser controlado por industriais e não mais pelos artesãos. O trabalhador perdeu o saber do produto todo ao ir trabalhar nas indústrias, já que não poderia concorrer com elas, tornaram-se, assim, subordinados às mesmas e expropriados do seu saber.

Em *A Formação da Classe Operária Inglesa I*, o historiador E.P. Thompson estuda o período que vai de 1780 a 1832, procurando fazer uma análise da sociedade de artesãos e da classe operária inglesa nos seus anos de formação, utilizando, entre outras fontes, relatórios de inspetores de fábricas, monografias de épocas, leis

fabris e relatos de viajantes, descrevendo as várias impressões destes com as instalações das primeiras fábricas, as quais, por sua vez, desviaram o próprio curso da natureza. Porém, o desvio do curso da natureza foi apenas uma, das várias mudanças ocasionadas pelas fábricas, contudo, as que mais afetaram os trabalhadores, principalmente os artesãos, foram, sem dúvida, as ocorridas nas relações de trabalho e no processo de produção. Essa obra é relevante para o tema aqui tratado, pois permite uma visualização mais clara das transformações ocasionadas no modo de vida dos trabalhadores ingleses com o advento da Revolução Industrial.

A análise das mudanças ocorridas no processo de produção traz à tona seu elemento principal – o trabalhador, abordado neste artigo com a definição de Thompson, na qual é entendido como o operário moderno, ou seja, o trabalhador fabril e, mais adiante, industrial, da segunda metade do século XVIII em diante que vendia sua força de trabalho para proprietários industriais. Tal como Thompson, o operário é tratado neste artigo com a designação “classe operária”, com o objetivo de esclarecer que a análise aqui

desenvolvida gira em torno destes trabalhadores fabris e industriais, os quais, vivenciando experiências comuns no local de trabalho, experimentam uma dada realidade, sentem uma “identidade de interesses” entre si, oposta a outros homens, e vão lutar por estes interesses, construindo, assim, uma “consciência de classe”, que é, por sua vez, a forma como tais experiências são tratadas culturalmente.<sup>2</sup> Segundo Thompson, os homens definem sua classe enquanto vivem sua história, e esta é, portanto, uma formação tanto cultural como econômica, que surge por processos e transformações históricas e espaciais distintas.

A classe operária, por sua vez, esteve presente ao seu próprio “fazer-se”, colocando limites às condições de exploração do trabalho apresentadas pelo sistema capitalista, numa forma de resistência às novas ordens impostas pelas transformações sobre o processo de trabalho, buscando, com isso, seus interesses, seus direitos e formando-se, assim, enquanto classe. Partindo deste pressuposto, não faz nenhum sentido a existência da periodização que é feita na

história, a qual busca enfatizar a idéia de que a classe operária é fruto do surgimento da Indústria na Inglaterra. O que há de inaceitável é admitir que toda a história dos operários surge com as primeiras indústrias, já que a luta e a organização dos trabalhadores ocorrem antes mesmo da implantação das primeiras fábricas. A classe operária não foi formada de cima para baixo, mas sim dentro dos interesses destes próprios trabalhadores.

Thompson faz críticas, com isso, à “*ortodoxia marxista*”, à Engels, por exemplo, que afirma que energia a vapor é igual à nova classe operária e que os operários foram os filhos primogênitos da Revolução Industrial. Discorda da “*ortodoxia fabiana*”, que vê os trabalhadores como vítimas passivas do *laissez-faire* (deixar fazer), pois ela obscurece os esforços conscientes dos trabalhadores, e discorda também da ortodoxia dos historiadores econômicos empíricos, que vêem os trabalhadores somente como força de trabalho, migrante ou dado estatístico, não como agentes ativos. O autor abandona ainda a historiografia de alguns escritores, onde somente os vencedores são lembrados, os vencidos são esquecidos, não são

---

<sup>2</sup> THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. V. 1.

levadas em conta experiências perdidas, apenas vitoriosas. É também na ótica de Thompson que o trabalhador está sendo abordado neste artigo, como agentes ativos e conscientes de sua posição enquanto sujeitos sociais, transformadores de seu meio.

De acordo com Thompson, entretanto, a classe operária não é homogênea, ela tem suas divergências internas e constrói sua consciência na própria experiência da fábrica. A visão de economistas que calculam em média que com o surgimento das fábricas os operários estariam vivendo melhor, não tem sustentação na realidade, sendo uma característica ilusória. Dizer que a infra-estrutura determina a superestrutura, como faz o marxismo vulgar significa não levar em consideração o modo de vida das pessoas. Todos os processos de expropriação do trabalho é que foram responsáveis pela construção da classe operária. Com isso, até mesmo o sentido de liberdade no capitalismo está ligado ao trabalho alienado, onde os trabalhadores têm a liberdade de vender sua força de trabalho, mas ao mesmo tempo é expropriado do trabalho, da cultura e do lazer.

Entre 1780 e 1840 houve, ainda, uma

intensificação da exploração do trabalho das crianças, elas trabalhavam nas minas, eram ajudantes de cozinheiro, operadoras de portinholas de ventilação ou nas fábricas, mas o trabalho infantil existia mesmo antes de 1780: “O trabalho infantil não era uma novidade. A criança era uma parte intrínseca da economia industrial e agrícola antes mesmo de 1780 e como tal permaneceu até ser resgatada pela escola.”<sup>3</sup> As crianças também trabalhavam na agricultura, freqüentemente mal agasalhadas, no campo ou na fazenda, sob qualquer condição climática.

Ao comparar o trabalho infantil doméstico e fabril percebemos que o trabalho na fábrica era mais árduo para a criança pois não havia a separação entre brincar e trabalhar como havia no trabalho doméstico no qual: “em síntese, podemos supor que havia uma introdução gradual ao trabalho que respeitava a capacidade e a idade da criança, intercalando-a com entrega de mensagens, a colheita de amoras, a coleta de lenhas e as brincadeiras.”<sup>4</sup> O trabalho, tanto da criança quanto da mulher, passou a ser de grande importância para as fábricas e, logo

<sup>3</sup> Idem, p. 203.

<sup>4</sup> Idem, p. 205.

após, para as indústrias, com a introdução da maquinaria, pois esta diminuiu o esforço executado e o custo com salários.

Neste sentido, contrariando as tendências da economia clássica, Thompson mostra que as condições das mulheres também pioraram, elas também passaram a ser exploradas nas fábricas com longas horas de trabalho e salários baixos. As jovens começaram a criar mais cedo ao ir para as cidades e as crianças adoeciam por falta de cuidados, visto que as mães passaram a dividir seu tempo entre as tarefas públicas e privadas. Somado a isso, as crianças também adoeciam devido à má alimentação e muitas, as maiores, por acidentes de trabalho, neste último caso quando não eram vítimas fatais. De acordo com Thompson, “A pretensão de que a Revolução Industrial tenha elevado o status das mulheres parece pouco significativa diante do número excessivo de horas de trabalho, das moradias apertadas, da grande quantidade de partos e das elevadas taxas de mortalidade infantil.”<sup>5</sup> A mulher adquiriu uma certa independência com relação aos parentes ou à assistência paroquial, mas fora isso

sua situação piorou, pois foi sendo cada vez mais explorada nas fábricas, com muitas horas de trabalho, salários baixos e pouco tempo para se dedicar a si mesma.

Thompson explica como o campo vai sendo incorporado à vida fabril, e ao contrário de certas leituras que priorizam os eventos em detrimento das pessoas que trabalham, o autor retoma a relação campo-cidade para mostrar que os hábitos e lazeres rurais vão sendo progressivamente incorporados dentro das fábricas. Em oposição a isso dá-se, nas fábricas, a tentativa de eliminar a cultura rural, certos hábitos rurais que pudessem, de certa forma, prejudicar o objetivo da fábrica em disciplinar e fazer prevalecer a ordem sobre os trabalhadores e sobre o processo de produção. Deste modo, as cidades não suplantaram o campo, elas nasceram dentro dele, houve uma transposição da cultura rural para a urbana. Portanto, não houve uma substituição da cultura rural pela urbana, mas uma transposição de valores culturais rurais para o mundo urbano: “Podemos nos sentir tentados a explicar o declínio dos antigos esportes e dos festivais simplesmente a partir da substituição dos valores rurais por

---

<sup>5</sup> Idem, p. 304.

urbanos, mas isso é ilusório.”<sup>6</sup> Assim, o autor dá importância à sensibilidade da classe operária e de sua característica ativa enquanto classe. Analisa a cultura urbana e rural, as relações entre ambas e a partir daí estabelece um parâmetro de análise para a formação da classe operária inglesa. Através das manifestações culturais, percebe implicações políticas, bem como uma dimensão de resistência à disciplina e à ordem impostas que elas tomam. Thompson dá voz ao operário, através de suas reivindicações conscientes em torno dos seus interesses. Não vê a classe operária como um simples dado estatístico, como os economistas clássicos vêm, mas como uma classe que se move e luta por seus interesses.

Interessante perceber que esta mesma preocupação de Thompson em demarcar o terreno da classe operária na história do trabalho, é percebida em Karl Marx em *O Capital*<sup>7</sup>, onde o autor analisa os processos de produção do capital. Entre outras de suas conclusões, Marx explica que no capitalismo cria-se o sobretrabalho, isto é, uma porção de trabalho que é doada ao patrão. À esse

sobretrabalho Marx chama de “mais-valia” - o aumento da jornada de trabalho além do que o trabalhador precisa para sobreviver. São as horas que o trabalhador executa a mais de trabalho e entrega, de graça, ao capitalista. Essa mais-valia pode ser absoluta ou relativa. A mais-valia absoluta consiste no aumento da jornada de trabalho e a mais-valia relativa consiste na diminuição do tempo gasto para a execução do trabalho. A produção de mais-valia é o meio pelo qual a burguesia acumula capital, ou seja, acumulação através da exploração do trabalho. E a crítica de Marx em torno dos economistas clássicos, Ricardo, Adam Smith, John Stuart Mill e das abordagens econômicas e estatísticas gerais da Revolução Industrial, consiste em mostrar que a economia clássica não se preocupa com a origem da mais-valia, mas apenas com o lucro que a mesma proporciona ao capitalista, com a riqueza que ela gera. Marx, ao contrário, estuda a origem da mais-valia para mostrar que, ao mesmo tempo que ela gera riquezas, lucro, gera também exploração da força de trabalho.

As estatísticas baseadas na idéia de que, com a Revolução Industrial, as pessoas

<sup>6</sup> Idem, p. 295.

<sup>7</sup> MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Vol. 1, tomo 2.

estariam vivendo melhor, pois baixaram-se os preços das mercadorias, para Marx, também são estatísticas ilusórias, pois o que proporcionou o aumento da produção e com isso a diminuição dos preços foi o aumento da exploração da mais-valia, com o acentuado trabalho de homens, mulheres e até mesmo de crianças no processo de produção. Sobre isto, Karl Marx salienta:

*À medida que a maquinaria torna a força masculina dispensável, ela se torna o meio de utilizar trabalhadores sem força muscular ou com desenvolvimento corporal imaturo, mas com membros de maior flexibilidade. Por isso, o trabalho de mulheres e de crianças foi a primeira palavra de ordem da aplicação capitalista da maquinaria.<sup>8</sup>*

Assim sendo, a diferença entre trabalho manual e maquinaria está na forma como o trabalho é concebido: no trabalho manual não há divisão do trabalho em manual e intelectual, o trabalhador/artesão sabe como fazer o produto todo, estabelece a duração, a forma e o preço da mercadoria por ele fabricada. Quando, porém, são montadas as fábricas e os trabalhadores vão trabalhar nelas, coloca-se em xeque todo o sistema baseado na junção entre trabalho manual e intelectual, o que ocorre quando se introduz a maquinaria.

Com a maquinaria, o trabalhador não dominará mais seu tempo de trabalho e nem seu saber sobre o produto todo, devido à divisão do trabalho ocasionada pela mesma. A máquina não exigirá mais a habilidade do trabalhador que terá seu trabalho expropriado e desqualificado. De acordo com Marx, o processo de alienação do homem se dá através do estranhamento deste em relação ao produto de seu trabalho, da necessidade produtiva que antes era para suprir suas necessidades vitais e depois tornou-se coercitiva.

A passagem da fábrica para a indústria, porém, não se deu de maneira mecânica, mas de forma a encontrar uma e outra. Contudo, da mesma forma com que a manufatura suplantou o artesanato, ela também foi suplantada pela maquinaria. Neste sentido, Marx mantém a mesma postura de Thompson, ao ressaltar que não foi a máquina que criou o operário, mas foi ela quem expropriou-o do seu trabalho. A maquinaria passou a existir porque pessoas foram expropriadas do seu trabalho, do seu saber, de seu lazer, etc. Sobre isto, Marx escreve:

*A máquina, da qual faz parte a Revolução Industrial, substitui o trabalhador, que maneja uma única ferramenta, por um mecanismo, que opera com uma massa de ferramentas iguais ou semelhantes de uma se vez, e*

<sup>8</sup> Idem, p. 23.

*que é movimentada por uma única força  
motriz qualquer que seja sua força.*<sup>9</sup>

Através da tecnologia, a grande indústria transforma atividades do trabalho artesanal em “máquina ferramenta”, que incorpora em si tais atividades. A mercadoria produzida pela grande indústria diminui seu preço devido ao aumento da sua produção, e os artesãos, não podendo concorrer com ela, tornam-se submetidos à mesma. De modo inverso, o capitalista, através da disciplina imposta e da exploração cada vez maior de mais-valia sobre o trabalho de famílias inteiras, aumenta seu lucro ao mesmo tempo que diminui seus gastos com pagamentos salariais, visto que a introdução das máquinas dispensa parte de trabalhadores. Neste sentido, a exploração da mais-valia é de fundamental importância para a manutenção do sistema capitalista, que tem como lógica a aquisição de mais e mais lucros e a concentração cada vez maior de capital. O ser humano passou a viver em função deste sistema, o qual precisa excluir de seus benefícios boa parte da população para continuar se mantendo. E é deste modo que a teoria de Marx procurou sempre mostrar a oposição entre trabalho e capital, para fundamentar as bases em que se assenta

<sup>9</sup> Idem, p.10.

o capitalismo. Marx, com isso, passou boa parte de sua vida exilado na Inglaterra e sua teoria foi sempre rechaçada, pois coloca em xeque todo sistema capitalista de produção, mas, em contradição, continuará existindo enquanto houver capitalismo.

Entretanto, de acordo com Eric Hobsbawm, já mesmo em sua primeira fase, a Revolução Industrial tendeu a expropriar o trabalhador utilizando-se das mais diversas formas, seja tirando as pessoas das antigas comunidades e não lhes dando emprego, seja tirando-lhes o ofício que lhes era próprio, visto que este não poderia concorrer com o modo de produção nascente, baseado na mecanização da produção e na divisão do trabalho. Nessas condições é que o surgimento da classe operária se deu com os operários têxteis, artesãos, tinteiros, tipógrafos e sapateiros assalariados e trouxe à cena um novo tipo de trabalhador, aquele expropriado de seus meios de produção. Hobsbawm explica que o surgimento da classe operária como um novo tipo de trabalhador se justifica pelo fato de o próprio capitalismo haver deixado uma “massa” considerável de trabalhadores expropriados de seus meios de produção.

Assim, a primeira metade do século XIX europeu foi marcada pelas principais conseqüências destes acontecimentos. Grande quantidade de imigrantes foram para diversas partes do mundo à procura de uma vida melhor, muitos seguiram para as Américas, para países como Brasil, Estados Unidos e outros se aventuraram em direção à Austrália, Alemanha, Itália, etc. Eram pessoas que, tendo sido expropriadas de seu ofício pelo capitalismo industrial, perceberam na emigração a melhor saída. A partir de 1850, porém, o capitalismo europeu consegue dar emprego à essas pessoas, entre outros motivos, devido ao crescimento da indústria com a tecnologia. Somado à isso, era preciso pessoas sem qualificação e sem nada além da vontade de trabalhar.

O vapor era a grande energia do século XIX, a tecnologia da idade do carvão, ferro. Hobsbawm explica que por volta de 1850, as classes operárias começaram a crescer sem fim nos países de primeira industrialização, como a Inglaterra, por exemplo. Desenvolveu-se, no final do século XIX, uma concentração de capital e uma unidade de produção. A grande indústria, com tecnologias mais avançadas, mais

mecanizadas, com sua gerência científica exerce pressões sobre os operários, alienando-o do seu saber sobre o produto por ele criado e transformando-o em um mero apêndice da máquina, cada vez mais precarizado. De acordo com Hobsbawm: “a disciplina e o ritmo do trabalho também foram intensificados, o que fez com que perdessem o controle da produção.”<sup>10</sup> Até 1929, houve uma melhoria de vida para os operários dos países ricos e devido aos intensos movimentos sociais comuns ao final do século XIX, à pressão e perigo que os mesmos causavam à ordem social e econômica como um todo, estabeleceu-se o *sistema de previdência social*, pública e estatal, isto é, foram colocados em prática elementos do *welfare state* (Estado de Bem Estar Social), no qual caberia ao Estado prover aos seus cidadãos serviços de previdência social, como seguro desemprego, aposentadoria, cobertura de educação e saúde em todos os níveis sociais e até mesmo a garantia de uma renda mínima, além de recursos adicionais para a manutenção da vida.

A crise que se iniciou com a quebra da

---

<sup>10</sup> HOBBSAWM, Eric. “Trajetória do Movimento Operário”. In: **REVISTA TRABALHADORES**. Prefeitura Municipal de Campinas, 1989. n.º 2.p.10.

Bolsa de Nova Iorque em outubro de 1929, por sua vez, afetou a economia do mundo inteiro, produzindo uma enorme gama de desempregados, pessoas sem moradia, sem emprego e sem alimentação. Intensificaram-se os protestos na Inglaterra, os quais foram sendo propagados para outros países. Por volta de 1952, tem início o mundo contemporâneo e uma revolução tecnocientífica transforma profundamente as comunicações, as técnicas e a organização da produção industrial. “A classe operária já não cresce mais nas regiões de primeira industrialização, mas diminui em sentido político e relativo.”<sup>11</sup> A partir da segunda metade da década de 1975 tem-se o fim da época fordista, pois não há mais a fábrica gigantesca e estandardizada, com administração centralizada, hierarquizada. Ao contrário, percebe-se, mais adiante, na década de 1980, mais autonomia, mais desagregação da produção em unidades díspares, além de uma produção flexível em oposição à estandardização em enormes quantidades de produção. Segundo Hobsbawm, o modelo do processo de produção dos anos 1980 é muito mais a empresa Benetton que a Ford, visto que

não há centros em grandes cidades, mas no campo, é apoiada em uma tecnologia altamente eletrônica e informatizada, sendo possível, por exemplo, saber se e quando um determinado produto vende, permitindo, assim, se produzir conforme a demanda, o que se convencionou chamar de produção flexível.

Em conseqüência de tais transformações no modo de se conceber o processo de produção, a situação dos operários da segunda metade do século XX ganha uma nova característica percebida no fato de que “há mais dispersão dos operários em vez de concentração.”<sup>12</sup>, como esclarece Hobsbawm. Outras características do final do século XX, observadas por este autor, as quais nos oferecem pertinentes informações sobre a realidade do operário deste período, são o auge da produção mundial, da riqueza global e da expropriação do trabalho em escalas jamais vistas se comparadas a épocas anteriores. Em oposição, o operário se constitui em muitos por imigrantes, tornando a classe operária mais heterogênea, conseqüentemente de fácil cisão entre seus componentes.

---

<sup>11</sup> Idem, p. 13.

---

<sup>12</sup> Idem, p. 14.

Parte destes trabalhadores expropriados foi sendo absorvida tanto pelas velhas indústrias como pelas novas, adicionado a isso, um aumento no número de emprego de mulheres. Ocorre uma reestruturação da economia mundial, com a presença de uma nova divisão do trabalho, agora mais acentuada ainda na questão da diferença de grau de desenvolvimento entre os países, isto é, dá-se a desindustrialização de velhos países, como é o caso da Inglaterra, por exemplo, e a industrialização de novos, como Brasil, Coréia, etc. A globalização, a transnacionalização acentuada de toda a economia é outra característica marcante do processo de produção do final do século XX, iniciado no século XIX. Tanto que a Ford, em 1980, atua em todas as partes do mundo, o que é vantajoso para os modernos e grandes capitalistas, ao mesmo tempo que um problema para os movimentos operários, já que os tornam ainda mais heterogêneos. Em consequência, na segunda metade do século XX “já não existe um só modelo de classes operárias, como parecia haver no final do século XIX, com um só modelo de organização sindical, política. Há uma variedade de casos possíveis em contextos políticos

também distintos.”<sup>13</sup>, como explica Hobsbawm.

A partir de 1990, agora especificamente no Brasil, o país passou por um processo profundo de transformações em sua base produtiva, marcado por intensa racionalização e flexibilização no modo de produção do trabalho. Estas transformações, ocorridas especialmente na Região Metropolitana de São Paulo, trouxe consigo a diminuição do potencial de trabalho disponível no mercado, dando lugar, entre outros, ao trabalho informal e à conseqüente perda de direitos trabalhistas. Com isso, temos que:

*As políticas econômicas adotadas na década de 1990 estavam longe de ser eficientes no amparo ao trabalhador brasileiro. O período foi marcado pela redução dos postos de trabalhos formais, pela desvalorização da renda do trabalhador e pela significativa queda do poder de negociação dos sindicatos.*<sup>14</sup>

Em decorrência de tais transformações, o trabalhador não encontra outra opção senão a de inserir-se no mercado informal de trabalho, no qual, na maior parte das vezes encontra sérias dificuldades de sobrevivência, somada à

<sup>13</sup> Idem, p. 16.

<sup>14</sup> ZAVALA, Rodrigo. Livro explica como os anos 90 foram negativos para o trabalhador. In: **FOLHA ONLINE**, <<http://www.folha.uol.com.br/folha/>>. 21 fev. 2002. Acesso: 3abr. 2003.

impossibilidade de retorno pelos anos de trabalho executado através de benefícios estatais, como Aposentadoria, Seguro Desemprego, entre outros, ficando à mercê da própria sorte. Infelizmente, este é o legado que nos foi deixado de uma colonização gananciosa e mal planejada. Contudo, analisarmos o passado e o espaço ao qual está relacionado e resumirmos nossas sensações exclusivamente à sentimentos de frustração e derrota, significa não levar em consideração o nosso momento presente, tempo e espaço nos quais únicos e exclusivamente poderemos projetar o futuro. O futuro? Está acontecendo.

#### **REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

HOBBSAWM, Eric. “Trajetória do Movimento Operário”. In: **REVISTA TRABALHADORES**. Prefeitura Municipal de Campinas, 1989. n.º 2.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Vol. 1, tomo 2.

THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1989. V. 1.

ZAVALA, Rodrigo. Livro explica como os anos 90 foram negativos para o trabalhador. In: **FOLHA ONLINE**, <<http://www.folha.uol.com.br/folha/>>. 21 fev. 2002.